VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O *BELO SEXO*: OS IMAGINÁRIOS UTÓPICOS DE MULHER NA BAHIA/BRASIL DOS OITOCENTOS*

Joel Nolasco Queiroz de Cerqueira e Silva**

Como era de se esperar de um homem, sobretudo, daqueles que uso como fonte, a primeira atitude que tinham quando estavam a olhar uma mulher era admirar sua beleza física. Assim, nas teses de doutoramento da FMB (Faculdade de Medicina da Bahia) e na literatura de ficção era a beleza das damas que lhes inspirava a pena. A essa beleza física se somavam os comportamentos que a reafirmavam, sejam eles gestos, hábitos, olhares, formas de pensar ou agir, que evidenciassem sua boa formação cristã e educação moral e intelectual.

Entretanto, antes de me ocupar sobre tais relatos tomarei uma exceção: uso como exemplo o conto *O Alienista*, de Machado de Assis, para expressar a influência da Frenologia e da Eugenia[1] no processo de escolha do par conjugal, que mesmo tendo sido menor do que os escritos médicos tentavam evidenciar, certamente, alcançaram os

---

* Texto apresentado no ST02: Ler, Sentir e Narrar: o Testemunho do Romance e a escrita da História Cultural. No VI Simpósio Nacional de História Cultural da ANPUH/UFPI.

** SILVA, Joel Nolasco Queiroz de Cerqueira. Mestre em História Social pela UFBA.

1 O termo Eugenia, cunhado por Francis Galton, no século XIX, tinha significando similar a "bem nascido". Galton definiu a Eugenia como o “estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente.” Ver sobre o tema: Goldim, José Roberto. Eugenia. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

ISBN: 978-85-98711-10-2

indivíduos da elite branca, econômica e letrada da Bahia, apesar de alguns esculápios repudiarem tais critérios como orientadores das escolhas conjugais.[2]

Machado de Assis informou que o Dr. Simão Bacamarte casou-se com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, portanto, herdeira de considerável fortuna, mas que não chamava a atenção nem pela beleza, nem pela simpatia. Tal ato teria provocado à admiração de seu tio. E o recém-casado doutor teria explicado que D. Evarista reunia as melhores condições fisiológicas e anatômicas, entre elas: "digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes" e que, portanto, não reclamava dela ser mal composta de feições, visto que as prendas anteriormente enumeradas eram as únicas dignas de preocupação de um sábio da medicina. Mesmo porque, assim, ele tinha a certeza de que não deixaria a ciência pela esposa.[3]

A supracitada representação parece digna da famosa 'prolixidade' do autor, mas deve ser examinada por olhos atentos. Primeiro, Machado demonstrou que alguns médicos defendiam os pressupostos da Eugenia como elementos de escolha do cônjuge, como era defendido e pode ser verificado em algumas teses da FMB[4]. Depois o autor atentou para o fato de que o casamento não era geralmente realizado por amor – outros elementos se sobrepunham aos sentimentos, entre eles o financeiro. Portanto, como salientou D'Incao, a relação entre os cônjuges era bem mais formal (socioeconômica) do que sentimental e destinava-se a uma aliança de proteção mútua consagrada na amizade e orientada à reprodução.[5]

Feita a observação dessa exceção vamos ao corriqueiro admirar do físico do *Belo Sexo* e de seus hábitos. Na obra, *Uma Senhora*, Machado chamou atenção para o

---

2 Sobre a influência das teorias da Frenologia e da Eugenia na Bahia ver: CASTRO, Dinorah. A mulher submissa: teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX. Salvador: Press Color, 1996.; e COSTA, Iraneidson Santos. A Bahia já deu Régua e Compasso: O Saber Médico-Legal e a Questão Racial na Bahia, 1890 – 1940. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em História da UFBA, 1997.

3 Machado de Assis. O alienista, p. 1. In: Obra Completa, de Machado de Assis, Vol. II, Nova Agular, Rio de Janeiro, 1994. Site: http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn003.pdf. Data: 12 de janeiro de 2010. Hora: 01:22.

4 Ver: CASTRO, Dinorah. Op. Cit.

5 D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PIORI, Maria (org). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.

ISBN: 978-85-98711-10-2

fato de D. Camila parecer sempre nova e bela. A beleza emergia, normalmente, associada à juventude, seja nas teses da FMB[6] - que orientava a busca por mulheres entre dezesseis e vinte anos –, seja na literatura de ficção, como podemos ver pela seguinte citação: "Ela era, [...], daquela casta de mulheres que riem do sol [...]. Cor de leite, fresca, inalterável, deixava às outras o trabalho de envelhecer. Só queria o de existir."[7]

Porém, não foi somente a juventude que apareceu como sinônimo de beleza no trecho supracitado, a cor da pele, branca, alva, também foi exaltada. Da mesma forma que, em *A Mulher Pálida*:

> Eulália era de um moreno pálido. Ou doença, ou melancolia, ou pó-de-arroz, começou a ficar mais pálida depois da herança do Iguaçu. De maneira que, quando o estudante lá voltou [...], admirou-se de a ver, [...]. A palidez de Eulália tinha-lhe dado uns trinta versos; porque ele, romântico acabado, do grupo clorótico, amava as mulheres pela falta de sangue e de carnes. Eulália realizara um sonho; [...] o sonho era simplesmente divino.[8]

A valorização da cor da pele estava relacionada ao desejo de reafirmação da ideia de superioridade da dita raça[9] branca em relação à negra pelos setores da elite dos oitocentos, reafirmando, assim, a oposição entre o branco dominador e o negro dominado.[10] Entretanto, como o próprio Machado atentou, não bastava ser branca, tinha que ser pálida, como se o sangue já faltasse. Isso se deve à disseminação de ideias românticas, que associavam o amor e a beleza ao sofrimento pelo sentimento e a pureza da brancura, que, em teoria, espreitavam os grupos minoritários de românticos e poetas.

---

6 PIMENTA, Luiz Antonio. Breves considerações sobre o casamento. Bahia: Tip. de Epifânio Pedroza, 1849.

7 Machado de Assis. Uma Senhora, p. 2. In: Histórias Sem Data. Obra Completa, de Machado de Assis, Vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Site: http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn004.pdf. Data: 10/12/2009. Hora: 14:37.

8 Machado de Assis. A Mulher Pálida, p. 6. In: Machado de Assis. A Mulher Pálida.Publicado originalmente em A Estação, 15/08/1881 e 30/09/1881. Texto-fonte: http://www2.uol.com.br/machadodeassis/.Site:http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn085.pdf. Data: 12 de dezembro de 2010. Hora: 16:03.

9 O termo raça tem a acepção que os hodiernos do século XIX davam, sendo, portanto, uma definição baseada em critérios biológicos.

10 Sobre as questões racialistas ver: Rodrigues, Nina. Os Africanos no Brasil. São Paulo: Madras, 2008; e COSTA, Iraneidson Santos. A Bahia já deu Régua e Compasso: O Saber Médico-Legal e a Questão Racial na Bahia, 1890 – 1940. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em História da UFBA, 1997.

ISBN: 978-85-98711-10-2

De qualquer sorte, era a beleza que chamava a atenção dos jovens. Pode até ser que não fosse devido a essa característica que eles casassem no século XIX, mesmo porque, na maioria das vezes, não eram eles que escolhiam suas esposas, visto que os casamentos eram feitos, entre os setores da elite baiana, por meio das escolhas de seus pais, quase sempre orientados por um complexo sistema de alianças matrimoniais, no qual a riqueza e a origem eram os principais elementos de distinção.[11] Porém, certamente, eram elas, a beleza e graça feminil, que capturavam as atenções dos rapazes:

> Alfredo não exigia especialmente um sangue real; muita vez ia além da castelã, muita vez vinha aquém da filha dos doges, sonhava com Semíramis e com Ruth ao mesmo tempo.
> O que ele pedia era o poético, o delicioso, o vago; uma mulher bela e vaporosa, delgada se fosse possível, em todo o caso vaso de quimeras, com quem iria suspirar uma vida mais do céu que da terra, à beira de um lago ou entre duas colinas eternamente verdes. A vida para ele devia ser a cristalização de um sonho. [...].
> Alfredo Tavares adorava as mulheres bonitas. [...]
> Mas se a sua ambição era amar uma mulher, por que razão não amara uma de tantas que adorava assim de passagem? Leitor, nenhuma delas lhe tocara o verdadeiro ponto do coração. Sua admiração era de artista;[...][12]

Talvez, o que faltasse nas mulheres enamoradas por Alfredo fosse o belo dos gestos, das vestes e dos comportamentos, mas, sobretudo, o belo interior da moral e da inteligência:

> Escusado é dizer que não entrava no espírito do solitário amador a idéia de que Ângela fosse uma mulher vulgar. Era impossível que uma mulher tão bela não fosse igualmente, em espírito, superior ou, melhor, uma imaginação etérea, vaporosa, com aspirações análogas às dele, que eram de viver como se poetisa. Isto devia ser Ângela, sem o que não se cansaria a natureza a dar-lhe tão aprimorado invólucro. [...] a razão dele era pura e simplesmente a admiração, o pasmo, o êxtase em que ficou o nosso Alfredo ao contemplar, [...], um rosto idealmente belo, uma figura elegantíssima, gravemente envolvida em singelas roupas pretas, que lhe realçavam mais a alvura dos braços e do rosto. [...].[13]

---

11 MATTOSO, Kátia. Bahia, século XIX: Uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992., pp. 178-192.

12 Machado de Assis. Antes que Cases, p. 1. Edição referência: http://www2.uol.com.br/machadodeassis. Data: 10/12/2009. Hora: 12:03.

13 Machado de Assis. Antes que Cases, p. 4. Edição referência: http://www2.uol.com.br/machadodeassis. Data: 10/12/2009. Hora: 12:03.

ISBN: 978-85-98711-10-2

No trecho transcrito, para além da valorização do romantismo, que havia adentrado no imaginário da juventude por meio da inspiração europeia, sobretudo, a francesa, e, posteriormente, dos escritos brasileiros desse estilo literário[14], de tal sorte que começou a inspirar rebeldias contra as antigas regras que ditavam os casamentos por acordos, fazendo surgir os matrimônios por amor[15], emerge, também, a imediata associação entre beleza externa e interna, entre o físico e o moral.

Alfredo, como romântico e jovem sonhador, desejava uma mulher completa, o que devia incluir: ser poetisa e romântica, educada, pelo menos, o mínimo necessário nas letras, mas, principalmente, nas aspirações superiores, que, nesse caso, referem-se aos bons códigos de conduta moral. O primeiro destes códigos foi o próprio Alfredo que apontou, melhor dizendo o próprio Machado, através da singeleza das roupas pretas, ou seja, de um vestir simples que colocava o financeiro atrás do caráter e dos sentimentos.

Entretanto, não era o costume de vestir simples que se estabelecia como regra entre os membros da elite baiana da sociedade oitocentista. Nos periódicos baianos do período[16], bem como nas teses da FMB[17], as vestes apareciam não só como elementos de sedução, mas, também, como caracteres de distinção social. E, em ambos os casos, serviam para atrair os pretendentes, mesmo porque, muitas mulheres da elite não sabiam se vestir como alguns médicos desejavam, com elegância e simplicidade, mas se encantavam pelo luxo das roupas e delas faziam verdadeiras armas de sedução:

> Mal o avistou de longe, desceu Eugênia à porta do jardim. O chapelinho de palha, de abas largas, que lhe protegia o rosto dos raios do sol, — [...], — tornava mais bela a figura da moça. Eugênia era uma das mais brilhantes estrelas entre as menores do céu fluminense. Agora mesmo, se o leitor lhe descobrir o perfil em camarote de teatro, ou se a vir entrar em alguma sala de baile, compreenderá, — através de um quarto de século, — que os contemporâneos de sua mocidade lhe tivessem louvado, sem contraste, as graças que então alvoreciam com o frescor e a pureza das primeiras horas.

---

14 O romantismo - movimento literário e cultural inaugurado no Brasil pela obra A moreninha de Aluisio de Azevedo.

15 FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. Quem pariu e bateu, que balance!: mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador (1890-1940). Salvador: CEB, 2003., pp. 115-149.

16 Ver por exemplo: Jornal das Senhoras, de 14 de março de 1854. BPCEBA.

17 Ver: MORAES, Francisco da Silva. Qual a causa da freqüência das ascites na Bahia? Bahia: Tip. de Camilo de Lelis Masson & C., 1866.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Era de pequena estatura; tinha os cabelos de um castanho escuro, e os olhos grandes e azuis, dois pedacinhos do céu, abertos em rosto alvo e corado; o corpo, levemente refeito, era naturalmente elegante; mas se a dona sabia vestir-se com luxo, e até com arte, não possuía o dom de alcançar os máximos efeitos com os meios mais simples.[18]

Outros meios de sedução, que não só o físico, emergiram nesse momento. O primeiro deles podia ser creditado ao olhar, que devia ser singelo e límpido, demonstrando recato e pureza. Outras prendas femininas, que também eram supervalorizadas, eram os dons voltados para a música. Uma mulher que soubesse tocar piano era, inegavelmente, sedutora:

> Clarinha era então uma interessante menina, cheia de graças e prendas. Era alta e magra, não da magreza mórbida, mas da magreza natural, poética, fascinante; era dessas mulheres que inspiram o amor de longe e de joelhos tão impossível parece que se lhes possa tocar sem profanação. Tinha um olhar límpido e uma fisionomia insinuante. Cantava e tocava piano, com a inspiração de uma musa.[19]

Além dos dons musicais, outra prenda de sociedade, evidenciada na literatura de ficção e nos periódicos femininos baianos[20], como sedutora aos olhares masculinos era a arte de saber dançar, visto que os grupos sociais abastados elogiavam a graça, a leveza, a delicadeza e precisão dos movimentos que a mulher desenvolvia nos salões. As damas da época tinham total consciência do quanto chamavam a atenção e se enalteciam nesses momentos:

> Quando Mendonça valsava com Eugênia, todos os olhos se concentravam neles. Eram valsistas de primeira ordem. As ondulações do corpo de Eugênia, e a serenidade e segurança de seus passos adaptavam-se maravilhosamente àquela espécie de dança. Era belo vê-los percorrer o vasto círculo deixado aos movimentos; vê-los enfim parar com a mesma precisão e sem o menor sintoma de cansaço. Eugênia punha toda a atenção no gesto de braço com que, logo que interrompia ou cessava de todo a valsa, conchegava ao corpo a saia do vestido. O prazer com que fazia esse gesto, e a graça com que o acompanhava de uma leve inclinação do corpo mostravam que, mais

18 Machado de Assis. Helena, p 12-13. In: Obra Completa, de Machado de Assis, vol. I, Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994. Site: http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/romance/marm03.pdf. Data: 16 de julho de 2009. Hora: 15:35

19 Machado de Assis. Astúcias de um marido, p. 1. Texto-fonte: Contos Completos, de Machado de Assis, vol. I, Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002. http://www2.uol.com.br/machadodeassis/ Publicado originalmente em Jornal das Famílias, de 10/1866 a 11/1866. Data de acesso ao site: 11 de dezembro de 2009. Hora: 12:55.

20 Jornal das Senhoras, de 14 de março de 1854. BPCEBA.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> ainda a faceirice do que a necessidade, lhe movia o corpo e a mão. Esta sorte de triunfos enchia a alma de Eugênia; e, porque ela não possuía nem a modéstia nem a arte de a simular, via-se-lhe no rosto o orgulho e a satisfação. A dança não era para a filha de Camargo um gozo ou um recreio somente; era também um adorno e uma arma. Daí vinha que o valsista mais intrépido e constante era também o principal parceiro do seu espírito; e ninguém disputava esse papel ao filho do comerciante.
> — Sua filha é a rainha da noite, murmurou o Dr. Matos ao ouvido de Camargo, em um intervalo do voltarete.
> — Não é verdade? Acudiu o médico.[21]

Porém, as prendas femininas não se limitavam aos dotes artísticos. Uma mulher que soubesse chamar a atenção pela inteligência, docilidade e submissão, além do conhecimento da ciência da administração do lar tinha seu valor.[22] Contudo, uma entre todas as artes era discreta, mas estimada – a de saber lidar com os indivíduos, polindo suas atitudes de tal forma que cativasse o outro, prendendo-o por gosto, como quem se submete para conquistar – o ato de ser civilizada.

D' Incao afirmou que essas novas funções femininas, ligadas à inteligência e à educação, aos cuidados domésticos e, principalmente, de intermediária nas relações sociais foram resultado do processo de aburguesamento dos costumes da sociedade brasileira, ocorrido, sobretudo, na segunda metade do século XIX. Assim, as mulheres passavam a ter a função de contribuir com o projeto de ascensão social da família por meio de sua postura nos eventos públicos e na vida cotidiana, como esposas e mães exemplares, segundo o ideal higiênico hodierno.[23]

É normal que se afirme que uma mulher com tantas qualidades não existisse, mesmo porque até enumerá-las e analisá-las se torna difícil. Lembremos que estamos a tratar de discursos, imaginários e, portanto, de planos ideais.[24] É devido a essa dificuldade que não ouso descrever com minhas próprias palavras a mulher ideal,

---

21 Machado de Assis. Helena, p 36. Machado de Assis. Op. Cit.

22 COUTINHO, José Lino. Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um Cathecismo moral, político e religioso. Bahia: Typografia de Carlos Poggetti, 1849.

23 D' INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE (org.); História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006., p. 229.

24 O conceito de Imaginário é o mesmo que proferido por Sandra Jatahy Pesavento. Sobre isso ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy e Souza, Celia Ferraz de. Imagens Urbanas: Os Diversos Olhares na Formacao do Imaginário Urbano. Hardcover, Editora da UFRGS, 1999.

ISBN: 978-85-98711-10-2

deixarei que a pena que tem nos guiado nessa empreitada o faça, visto que essa donzela de novelas se faz inigualável. Vamos à bela, inteligente e perfeita Helena:

> Estácio examinou aos poucos a figura da irmã.
> Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, delgada sem magreza, estatura um pouco acima de mediana, talhe elegante e atitudes modestas. A face, de um moreno-pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor; naquela ocasião tingiam-na uns longes cor-de-rosa, a princípio mais rubros, natural efeito do abalo. As linhas puras e severas do rosto parecia que as traçara a arte religiosa. Se os cabelos, castanhos como os olhos, em vez de dispostos em duas grossas tranças lhe caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos alçassem as pupilas ao céu, disséreis um daqueles anjos adolescentes que traziam a Israel as mensagens do Senhor. Não exigiria a arte maior correção e harmonia de feições, e a sociedade bem podia contentar-se com a polidez de maneiras e a gravidade do aspecto. Uma só coisa pareceu menos aprazível ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno.[25]
> [...]
> Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes. O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres. Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, grave com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.
> Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, — não humilde, mas digna, — conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis.[26]
> [...]
> Helena deu livre curso à imaginação e ao pensamento; suas falas exprimiam, ora a sensibilidade romanesca, ora a reflexão da experiência prematura, e iam diretas à alma do irmão, que se

25 Machado de Assis. Helena, p 8. In: Machado de Assis. Op. Cit.

26 Machado de Assis. Helena, pp. 10-11. In: Machado de Assis. Op. Cit.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> comprazia em ver nela a mulher como ele queria que fosse, uma graça pensadora, uma sisudez amável.[27]

O longo trecho evidencia o ideal de mulher expresso na literatura da época, visto que outro não seria mais completo. Completude que faz desnecessário que analisemos cada uma das características enumeradas, visto que o leitor pode extrair desse retrato todas as imagens e características desejadas. Porém, se o todo já fora exposto, faz-se necessário atentar para três elementos particulares, que chamavam a atenção do homem em um corpo do *Belo Sexo*: as mãos, os pés e o colo, melhor dizendo, os seios.

Mary Del Priore chamou atenção para os dois primeiros lugares supracitados, as mãos e os pés, pois esses eram os objetos de desejo do *Sexo Varonil*. Como a maior parte do corpo, se não quase ele todo, estava coberto sobrava às extremidades, que, por vezes, faziam os homens tremerem de um frio proveniente da obsessão do desejo. As mãos deviam ser longas, com dedos finos, terminados em unhas arredondadas e transparentes, para chamar a atenção de um moço[28], como podemos evidenciar na seguinte citação: "[...]. Veja o leitor se a moça que ali se acha no leito, [...], um braço nu escapando-se do alvo lençol e tendo na extremidade uma mão fina e comprida[...]."[29]

Já os pés tinham que ser pequenos e terminados em uma pequena ponta. As carnes e os ossos deviam se moldar as dimensões dos sapatos para revelar que a mulher fazia parte de um grupo social distinto, aquele em que saiam pouco e, portanto, pouco caminhavam, ao contrário das escravas ou mulheres pobres e trabalhadoras, que devido a muito caminhar tinham pés chatos, grandes e largos, sem dobras. Assim, esses pés pequenos, curvados e finos revelavam a vida do ócio, a qual parte das mulheres de elite eram, supostamente, impostas, bem como serviam de símbolo de um 'grupo racial', o de origem 'pura e branca', ou seja, distante dos 'grupos raciais' negros ou mestiços:[30]

> Ao pé do leito,[...], estende-se um pequeno tapete, [...]. Sobre esse tapete estão duas chinelinhas, de forma turca, forradas de seda cor-de-rosa, que o leitor jurará serem de um despojo de Cendrilon. São as

27 Ibidem., p. 18.

28 DEL PRIORE, Mary. Op. Cit., p 154.

29 Machado de Assis. O anjo das donzelas, p. 1. Texto-fonte: http://www2.uol.com.br/machadodeassis/

30 DEL PRIORE, Mary. Op. Cit., p 155.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> chinelas de Cecília. Avalia-se já que o pé de Cecília deve ser um pé fantástico, imperceptível, impossível; e examinando bem pode-se até descobrir, entre duas pontas do lençol mal estendido, a ponta de um pé capaz de entusiasmar o meu amigo Ernesto C..., o maior admirador dos pés pequenos, depois de mim... e do leitor.[31]

Em uma sociedade como a baiana do século XIX, fruto da mestiçagem, mesmo entre os grupos de elite econômica, tais características não deviam ser tão facilmente encontradas. Kátia Mattoso chamou atenção para o fato das elites baianas desenvolverem uma conduta de assimilação de grupos mestiços, por meio do reconhecimento dos filhos dos senhores com as escravas, o que impedia o desenvolvimento do projeto de manutenção dos critérios de pureza racial.[32]

Por fim, o último dos elementos era o colo dos seios, ou o próprio seio. Não é de se admirar que essas partes chamassem a atenção, já que os vestidos das damas de sociedade, apesar de cobrirem boa parte do corpo, geralmente, eram caracterizados por grandes decotes que iam até, pelo menos, um quarto dos seios. E mesmo aqueles que vinham com uma renda sobre os decotes tinham essas tão finas que nada escondiam. Somando-se isso ao uso dos espartilhos, que além de uni-los e apertá-los, ainda, levantava-os e jogavam à frente. Essa parte curva do corpo feminil e, certamente, útil aos homens em dois momentos distantes e diferentes, atraía os desejos mais libidinosos:

> Goethe escreveu um dia que a linha vertical é a lei da inteligência humana. Pode dizer-se, do mesmo modo, que a linha curva é a lei da graça feminil. Mendonça o sentiu, contemplando o busto de Helena e a casta ondulação da espádua e do seio, cobertos pela cassa fina do vestido.[33]

Ao leitor despercebido deve ter escapado o que não é obvio. Na citação, é expresso não somente o apreço às curvas e aos seios das mulheres, mas, também, a diferença intelectual entre os sexos. Machado evidenciou, por meio de Goethe, que a inteligência era o distintivo dos seres humanos para com os outros animais, quando disse "que a linha vertical é a lei da inteligência humana" – o ato de ter ficado ereto. Porém, aclamou a mulher como sua primordial característica a beleza e não a

---

31 Machado de Assis. O anjo das donzelas, p. 1. In: Machado de Assis. Op. Cit.

32 MATTOSO. Op. Cit.; e MATTOSO, Kátia. Família e sociedade na Bahia do século XIX. Salvador: Corrupio, 1988.

33 Machado de Assis. Helena, p 49. In: Machado de Assis. Op. Cit.

ISBN: 978-85-98711-10-2

capacidade de raciocínio. Afinal, podia faltar as mulheres atilamento, mas não o fascínio proveniente do belo, sendo a capacidade intelectual no *Belo Sexo* um bônus desejado, apenas, por alguns homens mais ilustrados.

De qualquer forma, independente das estratégias usadas, era o grácil, a delicadeza, o bem vestir, o olhar puro e delicado, a pele branca e alva, os pés pequenos, as mãos finas e longas e uma cintura cingida sobre a qual repousava seios destacáveis o que faziam uma mulher inegavelmente bela. Caso está tivesse todas as características citadas e ainda fosse inteligente e soubesse dissimular a inteligência em prol do marido ai ela seria quase perfeita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia (org.). **Cultura letrada no Brasil.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura.** Campinas: Mercado das Letras, 2002.

ALENCASTRO. Luiz F. de (org.); e NOVAIS, Fernando A. (coord.). **História da Vida Privada no Brasil:** Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ASSIS, Nancy Rita Sento Sé de. *Amor de Baile.* In: **Revista Artemis.** Vol. 7, dezembro de 2007., pp. 36-46

BARRETO, Renilda. *Corpo de mulher: a trajetória do desconhecido na Bahia do século XIX*. In: MARTINS, Ana Paula Vosne (org). **História:** Questões e Debates (Dossiê Gênero e História). Curitiba: Ed. Da UFPR, ano 18, no 34, jan. a jun. de 2001, p. 2 – 22.

BORGES, Valdeci Rezende. **Imaginário Familiar:** história da família, do cotidiano e da vida privada na obra de Machado de Assis. Uberlândia: Asppectus, 2007.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Nacional, 1976.

CASTRO, Dinorah. **A mulher submissa:** teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX. Salvador: Press Color, 1996.

CASTRO, Therezinha. **História da Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro: CAPAMI, 1982.

ISBN: 978-85-98711-10-2

COSTA, Iraneidson Santos. **A Bahia já deu Régua e Compasso:** O Saber Médico-Legal e a Questão Racial na Bahia, 1890 – 1940. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em História da UFBA, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Historia do amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE. Mary. (org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

D' INCAO, Maria Ângela. *Mulher e Família Burguesa.* In: DEL PRIORE (org.); **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006., pp. 223-240.

D'INCAO, Maria Ângela. *O amor romântico e a família burguesa.* In: D'INCAO, M. A. (org). **O amor e a família no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1989.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Quem pariu e bateu, que balance!:** mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador (1890-1940). Salvador: CEB, 2003.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

GOLDIM, José Roberto. **Eugenia.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

MATTOSO, Kátia. **Bahia, século XIX:** Uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MATTOSO, Kátia. **Família e sociedade na Bahia do século XIX.** Salvador: Corrupio, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy e Souza, Celia Ferraz de. Imagens Urbanas: Os Diversos Olhares na Formacao do Imaginário Urbano. Hardcover, Editora da UFRGS, 1999.

REIS, Adriana Dantas. **Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX**. Salvador: FCJA/CEB, 2000.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil.** São Paulo: Madras, 2008.